

Os Conflitos Entre Patrões e Empregados na Inglaterra do Século XIX a Partir da Obra Norte de Sul

Conflicts Between Employers and Employees in 19th Century England from the Book North and South

Maria Cecilia Barreto Amorim Pilla

Coordenadora do Curso de História
Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC PR)
Doutora em História
Universidade Federal do Paraná (UFPR)
ceciliapilla@gmail.com

Ruan De Oliveira Barros Santos

Licenciado em História
Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC PR)
ruandeoliveira97@gmail.com

Recebido: 29/03/2023

Aprovado: 07/02/2024

Resumo: A presente pesquisa tomou como fonte o livro *Norte e Sul* escrita em 1855 pela autora inglesa Elizabeth Cleghorn Gaskell (1810-1865). Com base nessa obra, questionamos em que medida é possível perceber tensões geográficas de desenvolvimento entre dois extremos: o Norte industrializado e o Sul agrícola, e quais características das relações sociais apresentadas nessa publicação, especialmente as de trabalho, podem esclarecer sobre o que denominamos de Questão Social. Queremos, especialmente, apresentar esse período, não somente sob à luz das relações entre patrões e empregados e conflito de classes, mas também elucidar uma visão feminina de gênero sobre esse contexto.

Palavras-chave: Literatura e História; Revolução Industrial; patrões e empregados; gênero; conflito de classes.

Abstract: This research took as its source the book *North and South* written in 1855 by English author Elizabeth Cleghorn Gaskell (1810-1865). Based on this work, we question to what extent it is possible to perceive geographic tensions of development between two extremes: the industrialized North and the agricultural South, and which characteristics of the social relations presented in this publication, especially those of work, can shed light on what we call Social Issues. We want, especially, to present this period, not only in the light of relations between employers and employees and class conflict, but also to elucidate a feminine view of gender in this context.

Keywords: Literature and History; Industrial Revolution; employers and employees; gender; class conflict.

Introdução

Para o presente estudo escolhemos analisar um livro escrito por uma mulher em plena Era Vitoriana para lançar à história o olhar da literatura sobre a Inglaterra de meados do século XIX que, embora já tivesse alcançado o protagonismo de potência mundial, enfrentava sérios problemas sociais¹. Nesse sentido, a problemática do presente estudo parte do desejo de entender as relações entre a história e a literatura presentes na obra *Norte e Sul*, de Elizabeth Cleghorn Gaskell (1810-1865)². Que características são trazidas pela autora dessas duas regiões da Inglaterra? Em que medida é possível perceber tensões geográficas de desenvolvimento entre esses dois extremos? Quais características das relações sociais presentes nessa obra, especialmente as de trabalho, podem esclarecer um pouco o que denominamos Questão Social? Nosso objetivo é contextualizar a Inglaterra em plena Revolução Industrial de meados do século XIX, o relacionamento entre operários patrões e, sobretudo, apresentar esse período pelo qual passou a Inglaterra do ponto de vista literário e feminino.

Elizabeth Cleghorn Stevenson, mais conhecida no campo literário com Mrs. Gaskell, é, até os dias de hoje, uma escritora bastante aclamada por suas publicações de literatura inglesa. Ela nasceu em 1810, em Chelsea, na Inglaterra, e casou-se com William Gaskell (1805-1884), pastor anglicano conhecido por sua personalidade marcante e, sobretudo, por apoiar sua esposa na publicação de seus livros — atitude talvez pouco comum nesse período. Depois de seu casamento, a autora passou a morar em Manchester, cidade inglesa que, na época, era sinônimo de desenvolvimento industrial, mas, ao mesmo tempo, muito conhecida por suas mazelas sociais. Inspirada pela cidade em que vivia, produziu romances que tinham o cenário industrial como fundo, a exemplo de *Mary Barton* (1848),

¹ O presente estudo foi desenvolvido junto a pesquisas realizadas para estruturar um Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em História. Em conjunto, graduando e orientadora desenvolveram estudos sobre História Cultural e as possibilidades de utilizar uma obra literária como fonte de pesquisa.

² Dessa forma, a fonte para o trabalho é o livro *Norte e Sul*, versão publicada pela editora Martin Claret tradução e notas de Carlos Duarte e Anna Duarte publicado em 2015. No Brasil há outra publicação anterior com a tradução de Dóris Goettems, lançada em versão bilíngue (português/inglês) pela editora Landmack.

Cranford (1851-1853), *Ruth* (1853), *North and South* (Norte e sul) (1855), *Sylvia's Lovers* (Os Amores de Sylvia) (1863), *Wives and Daughters* (Esposas e filhas) (1865), entre outros.

Elisabeth Gaskell escreveu romances, novelas, contos e livros não ficcionais, muito provavelmente movida pelo momento importante que viveu da industrialização inglesa, marcado por mudanças que trouxeram avanços na tecnologia, mas ao mesmo tempo a pobreza dos operários. Em 1848, ao escrever *Mary Barton*, um livro repleto de realismo social, chamou a atenção de Charles John Huffam Dickens (1812-1870) e foi convidada a publicar nos periódicos editados por ele, *Household Words* (Palavras Domésticas) e *All the Year Round* (Durante Todo o Ano). Mesmo que Gaskell tenha sido considerada como uma escritora conservadora para o tempo em que viveu, já que não trouxe explicitamente em seus livros uma defesa ao que se convencionou chamar a *the woman question* (a questão da mulher), sua contribuição para a história das mulheres e para os estudos de gênero, de meados do século XIX na Inglaterra, é inegável. Ela trouxe para suas obras protagonistas corajosas, personagens femininas representantes das diversas classes e condições sociais como burguesas, operárias, mulheres do campo, mocinhas ingênuas, e, até mesmo, mulheres excluídas da sociedade (ALGOTSSON, 2015, p. 4).

O livro *Norte e Sul* foi publicado pela primeira vez pela editora Chapman & Hall em 1854, mas antes de virar livro foi divulgado em formato de folhetim na revista *House Hold Worlds* (mencionada acima) e publicado em 20 partes. O gênero da obra é ficção, do estilo romance, e sua primeira publicação em forma de livro foi dividida em dois volumes, de 25 e 27 capítulos cada. Em *Norte e Sul*, Gaskell conta a história de Margaret Hale e de sua família. No início da narrativa, eles vivem em Helstone, uma cidade ao sul da Inglaterra. No entanto, o pai da personagem, um ex-clérigo, toma a decisão (a contragosto de sua esposa e filha) de se mudar com a família para a cidade de Milton, ao norte do país. A protagonista vê então a Inglaterra dividida em dois cenários: um sul rural, ensolarado, claro e idílico em contraponto a um norte escuro, urbanizado, escurecido pela fumaça das fábricas.

O enredo se desenvolve em meio aos dramas vividos pela protagonista que, logo ao chegar à nova cidade, fica chocada com as condições miseráveis de trabalho a que eram submetidos os operários, especialmente da indústria têxtil. Na sequência da narrativa, vive uma paixão pelo Sr. Thornton, dono de uma fábrica de tecidos. Esse sentimento é sublimado por seu preconceito contra

uma certa burguesia composta por comerciantes e donos de fábricas, que considera pessoas frias, desumanas e sem cultura erudita. Mais adiante, sua mãe fica doente e morre e um de seus irmãos, que havia se envolvido em um caso nebuloso de insubordinação na Marinha, acaba por fugir da Inglaterra. Ao longo da narrativa se vê ainda um pai carinhoso, por quem a protagonista tem profunda afinidade. Toda a história se passa em torno dos conflitos que acontecem em meio a tensões sociais.

A história das mulheres na escrita da literatura inglesa

Para conhecer o papel das mulheres na literatura inglesa é importante observar como se deu esse processo histórico. Segundo Emery Marques Gusmão (s/d), sobre o debate da educação feminina,

Até o século XVIII as famílias reservavam a escolarização e o letramento aos meninos, por serem tais atributos considerados incompatíveis com a “identidade feminina”, afirmada a partir do distanciamento em relação à alfabetização, leitura, produção de textos, profissionalização e participação na vida pública (GUSMÃO, 2012, p.269).

Nesse contexto, desde que tivessem condições financeiras para tanto, apenas os homens podiam receber educação formal, frequentar as escolas e as universidades. Entre os séculos XVI e XVIII a educação era determinada por dois fatores: as condições financeiras e a diferença entre os sexos. Como diz a historiadora Martine Sonnet (1955-), homens ou mulheres que tinham posses eram iniciados nos saberes fundamentais, resumidos na trilogia do “ler, escrever e contar”. No entanto, as possibilidades alargam-se especialmente com a crescente, embora relativa, ampliação do espaço escolar. Porém, nesse quadro era concedido às mulheres um saber incompleto e vigiado (SONNET, 1995).

Dessa forma, no presente artigo, a questão de gênero, mesmo que não seja o principal objeto em tela³, “nos salta aos olhos”, pois, tanto a autora da obra quanto a sua protagonista são mulheres,

³ Há muitos artigos científicos, teses, dissertações que fazem uma análise da obra *Norte e Sul*, de Gaskell, sob uma perspectiva de gênero. Seguem alguns deles: (1) MORRIS, Emily Jane. “*Some Appointed Work to Do*”. *Gender and Agency in the Works of Elizabeth Gaskell*. University of Saskatchewan, 2010. (2) ALANO, Cianna. “*What could she do next?*”: Margaret’s Power and Control Through Failed Emotional Labor in Elizabeth Gaskell’s *North and South*. *Criterion: A Journal of Literary Criticism*, vol.16, n.1, pp.8-28. 2003. (3) PARKINS, Wendy. *Women, mobility and modernity in Elizabeth Gaskell’s North and South*. *Women’s Studies International Forum*, vol.27, pp.507-519. 2004.

e, em diversos momentos da trama, os papéis femininos aparecem atendendo às convenções morais e sociais do período, mas nem sempre. Assim é que, a metodologia de análise de cunho histórico, levou também em conta estudos no campo do gênero, como os da historiadora Joan Wallach Scott (1941-). Para essa autora, dentre algumas reflexões, é preciso considerar elementos constitutivos das relações sociais baseadas em diferenças percebidas de gênero, tais como: “símbolos culturalmente disponíveis que evocam representações simbólicas”; “conceitos normativos que expressam interpretações e significados dos símbolos” (SCOTT, 1995, p. 85-86). Para Scott, esses conceitos normativos estão expressos em diversas áreas do viver em sociedade, seja por meio de doutrinas religiosas, leis, ciência e educação, que trazem posicionamentos inequívocos do significado do ser homem e do ser mulher.

Isso se concretiza baseado na ideia de que, por conta de sua natureza, os homens tinham mais capacidade que as mulheres. Esse pensamento se manteve até o século XIX e adentrou o século XX. Dessa forma, as mulheres vêm sendo consideradas inferiores, fisicamente mais frágeis e moralmente mais débeis. Esse julgamento relegou às mulheres uma posição de inferioridade e, devido à sua suposta capacidade restrita, elas recebiam uma educação básica, que para os historiadores Dayane Cristina Freitas (s/d) e Thiago Lemos da Silva (s/d), era informal e ensinada em casa, de “mãe para filha” (FREITAS; SILVA, 2017).

Todo esse quadro descrevia o que cabia às mulheres no século XIX e parte do XX: uma educação não acadêmica, voltada apenas para o cuidado da casa e da família. Uma vez que o homem era o chefe do lar, a mulher era ensinada a receber ordens dele sem questionamento, de preferência vivendo uma vida inteiramente dedicada à família. Nesse sentido, reconhecemos as dificuldades e os preconceitos sofridos pelas mulheres em um ambiente de escritores e publicações, espaço por excelência da atividade intelectual e da suposta superioridade masculina. E é justamente sobre a luta das mulheres na literatura, sobre a batalha delas para alcançar o reconhecimento e garantir seus direitos que devemos entender Elizabeth Gaskell. Escrever era uma profissão difícil para os homens, que dirá para as mulheres:

Mesmo com todos os obstáculos, a mulher que conseguisse o mínimo acesso à educação, ao material necessário, à postura criadora e desafiadora necessária para escrever e ao tempo, muitas vezes, escasso devido às obrigações familiares, se depararia ainda com a barreira representada pela falta de privacidade (FREITAS; SILVA, p. 68)

Como conciliar a escrita aos papéis de esposa e de mãe? Na luta para publicar seus escritos, “a maioria das autoras desse período optou por usar codinomes na assinatura de sua obra, frequentemente optando por nomes masculinos, em uma tentativa de dar a sua obra um caminho mais aberto do que existiria, caso fossem assinadas por mulheres” (*Ibidem*). Nesse contexto, por outro lado há uma contradição: mesmo que os conservadores seguissem excluindo as mulheres, muitos deles possuíam coletâneas escritas por autoras que alcançaram fama ainda em vida, como Jane Austen (1775-1817)⁴, George Eliot (1819-1880)⁵ e as irmãs Charlotte (1816-1855), Emily (1818-1848) e Anne Brontë (1820-1849)⁶.

A obra *Norte e Sul*: A Questão Social vista pelos olhos de Gaskell

Até meados do século XVIII a Inglaterra não era tão forte economicamente quanto se pode imaginar. Seu comércio em relação a outros países europeus era considerado incipiente e, por muitos, a nação ainda era tida como pobre, especialmente diante de uma potência como a França dos Luíses. Seus recursos eram limitados e insuficientes para suprir todos os ingleses. No entanto, as coisas começam a mudar por ocasião da Revolução Industrial. A formação da indústria inglesa deve muito aos produtos têxteis que tinham como base o algodão. O linho também era plantado e produzido primeiramente de forma manual e, mais tarde, com a utilização de máquinas inicialmente rudimentares. A respeito dessa produção, principalmente a doméstica, o historiador Eric John Ernest Hobsbawm (1917-2012), em seu livro *A era das revoluções: 1789-1848*, nos traz exemplos de um processo de fabricação que inicialmente utilizava equipamentos desenvolvidos ao longo da primeira fase da Revolução Industrial, resultando na primeira máquina fiar (HOBBSAWN, 2010).

⁴ Jane Austen foi uma escritora inglesa que nasceu em Steventon em 1775 e morreu em Winchester em 1817. Desde criança já demonstrava habilidade para a escrita. É conhecida por uma série de livros que trazem intrigas e romances em meio à Inglaterra rural. Tal como outras escritoras de seu tempo, não pôde estudar como seus irmãos, ficando ela e sua irmã, Cassandra Elizabeth Austen (1773-1845), limitadas aos conhecimentos básicos da matemática e do ler e escrever, devido às tantas atividades domésticas que precisavam aprender.

⁵ George Eliot é na verdade o pseudônimo de Mary Ann Evans, escritora inglesa nascida em Nuneaton em 1819 e falecida em Londres em 1880. Típica escritora de seu tempo, teve de se esconder sob um pseudônimo masculino para que suas obras tivessem credibilidade, já que desejava escrever livros de outros campos da literatura que não somente romances leves.

⁶ As irmãs Brontë foram escritoras e poetisas britânicas muito conhecidas no meio literato. Charlotte, Emily e Anne, também utilizaram pseudônimos masculinos em suas primeiras obras. Atualmente, a casa em que elas moraram em Yorkshire abriga o *Brontë Parsonage Museum* (Museu Paroquial Brontë), que pode ser visitado pelo público.

Com o passar do tempo, o maquinário foi se sofisticando, foi criado o tear movido à água, a fiadeira automática e, um pouco mais tarde, o tear a motor. Cada máquina desenvolvida tinha como principal objetivo ser de fácil utilização em comparação às que eram utilizadas nos primórdios da industrialização, quando a produção de tecidos de algodão era realizada com a ajuda de teares antigos de madeira. A partir dos anos 1800, as pequenas produções domésticas mudaram para o sistema fabril, e aos poucos foram incorporadas às cidades.

E basta lembrar que foi a mecanização da indústria têxtil que inaugurou a Era da Máquina. Em segundo lugar, o sistema corporativo de produção com as suas complicadas restrições nunca se enraizou tão fortemente em solo inglês como nos países continentais (BURNS, 1964, p. 120).

As máquinas têxteis foram desenvolvidas gradualmente. Sua simplicidade, aliada a seu baixo custo e fácil uso, facilitou o processo de produção em massa utilizando o algodão, pois produziam e faziam a separação da linha.

Até mesmo na indústria algodoeira, processos do tipo tecelagem eram expandidos pela criação de multidões de teares manuais domésticos para servir aos núcleos de fiação mecanizados, e o primitivo tear manual era um dispositivo mais eficiente do que a roca. [...] Em toda parte, a tecelagem foi mecanizada uma geração após a fiação, e em toda parte, incidentalmente, os teares manuais foram morrendo vagorosamente, ocasionalmente se rebelando contra seu terrível destino, quando a indústria não mais necessitava deles (HOBSBAWM, 2010, p. 72).

Assim, de acordo com Hobsbawn, o contexto da indústria inglesa nesse período, tendo como base apenas o necessário para o trabalho e a produção, contribuiu para a expansão e o desenvolvimento da mesma, sendo o desenvolvimento de sua tecnologia o elemento impulsionador. A partir desse momento, a Inglaterra passou a ser conhecida por seu progresso e pela implementação da indústria, o que pode ter estimulado outros países europeus a crescerem e progredirem sob seu modelo, já que ela foi o primeiro país a demonstrar e realizar um avanço industrial econômico de extrema importância. Tal como os progressos da tecnologia, a mecanização da indústria aumentou a produtividade e introduziu novas formas de gerar energia, especialmente a vapor, bem como instituiu a divisão do trabalho, entre outras inovações.

Entre os anos de 1790 e 1830, segundo Edward Palmer Thompson (1924-1993), deu-se a formação da “classe operária”. Foi então nesse período se fez despontar na Inglaterra a consciência de classe, de uma identidade destacada do grupo dos outros trabalhadores sob a luz de toda uma organização política e industrial renovada, constituindo-se como um fato, “tanto da história política e cultural quanto da econômica” (THOMPSON, 2012, p.17):

Por volta de 1832, havia instituições da classe operária solidamente fundadas e autoconscientes – sindicatos, sociedades de auxílio mútuo, movimentos religiosos e educativos, organizações políticas, periódicos -, além das tradições intelectuais, dos padrões comunitários e da estrutura da sensibilidade da classe operária.

Desde os anos 1830 os múltiplos desenvolvimentos causaram um grande impacto na Inglaterra, que passou a apresentar um cenário interessante. De acordo com a historiadora Maria Stella Martins Bresciani (1939-), “em Londres da metade do século, com dois e meio milhões de habitantes, projetam-se com total nitidez a promiscuidade, a diversidade, a agressão, em suma, os vários perigos presentes na vida urbana” (BRESCIANI, 1994, p. 22). Em 1845, o filósofo Friedrich Engels (1820-1895), em uma de suas obras clássicas, *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*, dizia:

Há sessenta ou oitenta anos, a Inglaterra era um país como todos os outros, com pequenas cidades, indústrias diminutas e elementares e uma população rural dispersa, mas relativamente importante; agora, é um país ímpar, com uma capital de 2,5 milhões de habitantes, imensas cidades industriais, uma indústria que fornece produtos para o mundo todo e que fabrica quase tudo com a ajuda das máquinas mais complexas, com uma população densa, laboriosa e inteligente, cujas duas terças partes estão ocupadas na indústria e constituem classes completamente diversas das anteriores (ENGELS, 2010, p. 58).

As cidades inglesas nas quais não havia nenhuma indústria instalada e que viviam sob padrões antigos de produção viram seus trabalhadores camponeses saírem rumo às cidades em busca de um lugar novo, com novas chances de vida, uma vez que as indústrias ofereciam o que imaginavam ser uma mudança completa do mundo até então conhecido por eles. Essa nova organização social e de trabalho, que tirava o camponês do sistema antigo de produção e o levava em direção à modernização, prometia abrir portas para o desenvolvimento, a criação e a organização de um trabalho remunerado menos injusto, oferecendo uma nova rotina, com horários medidos por relógios precisos que visavam a exploração plena da mão de obra operária.

Junto a tudo isso houve também o processo de mineração de carvão, que se tornou a matéria-prima essencial a mover a indústria na Inglaterra, país que passou a alimentar a produção em massa de itens antes manufaturados, advindos de produções autônomas. O sistema fabril também instituiu um salário para os operários, mas essa remuneração não era suficiente para proporcionar ao trabalhador uma vida digna. Esse mundo novo, que propiciava a transição de uma Inglaterra agrícola (em que as relações entre patrões e empregados eram permeadas pela tradição) para uma sociedade na qual a organização de trabalho apresentava condições muitas vezes diferentes da anterior, modificou, pouco a pouco, a estrutura social e as relações entre as pessoas e as classes, dando origem ao “mundo das cidades”, um verdadeiro aglomerado de pessoas desconhecidas, característica da cultura e da sociabilidade de uma cidade industrial. Um mundo, que segundo Thompson, “o povo foi submetido, simultaneamente, à intensificação de duas formas intoleráveis de relação: a exploração econômica e a opressão política” (THOMPSON, 2012, p. 24).

A Inglaterra de Elizabeth Gaskell vivia a plena Revolução Industrial e estava imersa nesse processo de industrialização da primeira metade do século XIX. Esse era um período de desenvolvimento do comércio e da indústria, da criação de máquinas, de pessoas trabalhando e produzindo em grandes quantidades. Seus produtos eram comercializados na própria Inglaterra e eram enviados para outros lugares do mundo. Esse desenvolvimento provocou o fortalecimento econômico e social de certa burguesia que, endinheirada, desejava usufruir dos confortos e de todos os artigos oriundos de suas fábricas — que não paravam de produzir. Esses grupos se localizavam especialmente nas grandes cidades inglesas, especialmente em Londres, onde ansiavam por frequentar os espaços sofisticados, até então exclusivos da aristocracia citadina. Por outro lado, haviam também grupos da aristocracia rural, que mantinham uma vida frugal, moravam em grandes casas de construção considerada ultrapassada, com menos luxo e muitas vezes menos dinheiro comparados aos grupos da capital.

À parte desse mundo composto de grupos em ascensão e outros em decadência econômica e social, estavam multidões de maltrapilhos e trabalhadores urbanos ou rurais que, nada, ou muito pouco, desfrutavam das delícias que a Revolução Industrial podia trazer em matéria de luxo e bem-estar. O desconforto de homens e mulheres inglesas diante das péssimas condições de vida da classe trabalhadora na Inglaterra acabava por se manifestar em um mal-estar nos ambientes políticos e literários. Exemplo disso é o poema de Percy Bysshe Shelley (1792-1822), *A Song: “Men of England”*

(Uma Canção: “Homens da Inglaterra”), de 1819, considerado pelas autoridades como perigoso, porque entendiam que incitava rebeliões. Esse era o período do Romantismo onde, o Romance, como tipo literário, dominou a cena na Era Vitoriana marcada pelo reinado da rainha Vitória (1837-1901) (SIQUEIRA e CEVASCO, 1985)

Tomamos então nas mãos a obra de Gaskell em busca de elementos que contribuam para conhecermos mais, ou melhor, sob outros olhares, a situação dos trabalhadores ingleses no século XIX, especialmente na década de 1850, assim como suas condições de trabalho, as tensões entre patrões e empregados, as reivindicações e greves. A obra traz, principalmente, três núcleos de personagens. O primeiro se dá em torno da “heroína” da história, Margaret Hale, de seu pai, sua mãe e uma criada. Seu pai decide deixar a cidade de Helstone – ao sul da Inglaterra – para mudar-se com toda a família para Milton, uma cidade fictícia ao norte da Inglaterra. À medida que a família se aproxima da cidade, percebe que os ares mudam e a fumaça passa a predominar, influenciando no cheiro e no gosto das coisas. Essa poluição contribui para a deterioração a saúde da mãe. Milton parece ser muito diferente do que foi deixado para trás. Os meios de transporte que transportavam algodão eram bem diferentes das carroças do sul, que levavam principalmente madeira: “em pouco tempo lá estavam eles dando voltas por ruas compridas e retas, sem atrativos, com suas casas iguais, todas pequenas e de tijolos aparentes. Aqui e ali, erguia-se uma fábrica retangular com grandes janelas” (GASKELL, 2015, p. 115).

Nesse grupo em que se destaca a protagonista da obra, encontramos um núcleo familiar que, segundo Anna Algotsson (s/d) destoa de um esperado modelo de família vitoriana no qual os pais exerceriam uma rigorosa autoridade, pois no caso do livro em tela, é a filha, a heroína, que apresenta características de responsabilidade em tomar a frente do processo de mudança da família para outra cidade, assim como contar à mãe sobre a decisão do pai em saírem do Sul para o Norte inglês (ALGOTSSON, 2015, p. 7). Embora a decisão tenha sido do pai de Margaret, todas as providências para a mudança foram encabeçadas por ela. Algotsson, também afirma que, ao trazer uma imagem fragilizada do pai da protagonista, mais que uma maneira de colocar em evidência a firmeza de Margaret, é tornar possível ao homem ter um caráter vulnerável. Uma verdadeira novidade para aqueles tempos.

O segundo núcleo do romance tem a figura enigmática de John Thornton, dono de uma fábrica de tecidos de algodão construída em torno de sua casa, de onde sua mãe vigia os operários

por uma janela ao alto. Ele é o representante de uma burguesia recém-enriquecida e um tanto bruta, mas que busca instrução e polimento. Por isso Thornton passa a ter aulas com o pai de Margaret.

Como terceiro núcleo, aparece um lar operário composto por Higgins, pai de duas jovens, uma delas operária. Ele também é operário, sindicalizado e ativo fomentador de greves, mas se preocupa muito com sua filha mais velha e doentia, Bessy.

Margaret gosta muito de andar pela cidade e por seus arredores, hábito que provavelmente herdou do lugar “idílico” em que morava, ao sul da Inglaterra. Em um desses passeios, ela entra na fábrica de Thornton, percebe a péssima situação dos trabalhadores e o presencia castigando um de seus funcionários por ter acendido seu fumo perto das máquinas, em meio à nuvem de micro pedaços de algodão manufaturado. Isso lhe causa uma péssima impressão de Thornton. Em outra ocasião, a protagonista, mais uma vez, se vê em uma situação de choque entre patrões e empregados, quando, ao visitar Hannah Thornton, mãe de John, assiste a uma reivindicação de grevistas diante da casa deles, situação na qual tenta ajudar em uma negociação malfadada.

Esses trechos ilustram o que Osvaldo Luis Angel Coggiola (1952-) analisou sobre o processo de industrialização na Inglaterra, e do quanto o sistema de fábricas influenciou a sociedade inglesa (COGGIOLA, 2015). Com o tempo, as relações conflituosas entre operários e patrões se acirraram, pois aqueles eram submetidos a esgotantes jornadas de trabalho (que variavam de 14 a 16 horas diárias), sem descanso semanal. Em 1835, a Inglaterra tinha 50.675 operários adultos, 53.410 operárias (sobretudo na indústria têxtil), 53.843 operários jovens (entre 13 e 18 anos) e 24.164 crianças trabalhando em fábricas. Ganhando quantias irrisórias, as crianças operárias sofriam frequentemente de degenerações irreversíveis, resultado dos movimentos mecânicos aos quais eram submetidas.

Margaret também estranha o som da cidade industrial em comparação com o de sua “idílica” Helstone, onde os pássaros, o vento e muitas vezes o silêncio predominavam. Milton tinha um ritmo diferente, com o apito das fábricas, o barulho dos grupos de operários que passavam pelas ruas estreitas rumo ao trabalho ou em sentido inverso, ao final do dia, voltando para casa. Assim era o som, alto, tanto das pessoas quanto das fábricas. Como diz Gaskell, de início tal som assustava a protagonista, especialmente o “tom alto e desenfreado das vozes dos trabalhadores e o desconhecimento de todas as regras mais primárias do comportamento urbano” (GASKELL, 2015, p. 134).

No desconforto entre os mundos Norte *versus* Sul, padrões *versus* empregados, cidade *versus* campo, Margaret nos ajuda a conhecer um pouco de cada um desses lugares por meio da contraposição entre eles. Através dos olhos da protagonista obtemos as impressões da autora. Por intermédio da convivência de Margaret com sua tia rica, sua prima Edith e seu marido o capitão Lennox, a autora descreve padrões que parecem, pouco a pouco, evaporar diante do progresso e da ascensão da burguesia industrial. Quando passa a morar em Milton, Margaret vive a realidade de um progresso citadino, o movimento urbano, uma realidade social talvez mais visível em suas desigualdades. O choque entre o campo e a cidade se materializa nas descrições de Gaskell, muito provavelmente por conta de sua experiência como moradora da grande Manchester.

Por meio das conversas com Bessy Higgins e sua família, Margaret conhece um pouco mais sobre o cotidiano da vida operária inglesa. Bessy é uma personagem que mora num bairro pobre de Milton do Norte. Operária, ela trabalha numa manufatura de algodão e, vivendo em um ambiente insalubre, adocece. Enquanto o romance se desenrola, sua saúde se deteriora. Diz ela em uma passagem do livro: “com a penugem do algodão que vai tomando conta dos meus pulmões, até que eu tenha a sede da morte através de uma respiração longa e profunda do ar puro do qual você fala” (*Ibidem*, pp. 189-190). Na realidade, ela tem tuberculose, agravada pelo seu trabalho na tecelagem, pelos “fiapos que se desprendem quando o algodão está sendo fiado, e encher o ar até ele ficar tomando por uma poeira branca” (*Ibidem*) conta ela à Margaret, “há muita gente que trabalha na sala de fiação e que acaba ficando inutilizada, tossindo e cuspiendo sangue, pois ficou envenenada pela penugem” (*Ibidem*) Para o médico José Rosemberg (1909-2005),

[...] na Inglaterra do século XIX, os trabalhadores se concentraram nos maiores centros urbanos; adultos e crianças, laborando 15 e mais horas por dia amontoados em mansardas, subalimentados, vivendo abaixo da condição humana, foram vitimados aos magotes pela tuberculose, cuja mortalidade atingiu a 800 por 100.000, e em Londres, o elevado coeficiente de 1.100 por 100.000 (ROSEMBERG, 1999, p. 7).

Em uma visita que faz a Bessy, Margaret, em conversa com Nicholas, irmão de Bessy, ouve pela primeira vez em sua vida a palavra *greve*, enquanto lhe pergunta sobre a saúde de sua irmã.

Nicholas tirou o cachimbo da boca, levantou-se, empurrou a sua cadeira na direção de Margaret e se apoiou na prateleira de cima da lareira em uma posição meio inclinada, enquanto ela lhe perguntava sobre a saúde de Bessy.

– De saúde está melhor, mas seu espírito anda um tanto abatido. Ela não gosta dessa greve. Quer mesmo ficar tranqüila e em paz, a qualquer preço. (GASKELL, 2015, p. 241)

Por não saber o que é greve, Margaret pede desculpas por sua ignorância, dizendo que, de onde veio, no Sul, não existe isso, pois como ficariam as produções agrícolas diante de uma situação como essa? O que aconteceria com os fazendeiros? Ao que Nicholas responde: “Imagino que teriam de abandonar as fazendas ou então pagar salários justos” (*Ibidem*). E completa:

– Não sei nada dos seus costumes lá no sul. Ouvei dizer que são um bando de homens indolentes oprimidos, muitas vezes mortos de fome e tão entorpecidos por ela que nem sabem quando são explorados. Aqui não é assim. Sabemos bem quando somos explorados. E temos sangue nas veias suficiente para aguentar isso. Somente tiramos as mãos dos teares e dizemos: “Podem até nos fazer passar fome, mas não irão explorar-nos, patrões!”. E que se danem, desta vez não! (*Ibidem*).

Interessante perceber nos diálogos entre os personagens, como Gaskell retrata a luta e o sentimento diante das relações difíceis do trabalho de fábrica em comparação ao trabalho do campo. Este remetia a ela à uma sociedade idilicamente tradicional. No entanto, para os homens que viviam no interior da Inglaterra, seu cotidiano nada tinha de romântico, eles não eram contra a industrialização, na realidade se opunham às desigualdades perpetuadas nas estruturas de um capitalismo de fábrica. De maneira muito diferente de Margaret, o irmão de Bessy também tem uma visão que não condiz com a realidade. Enquanto para ela o Sul é a terra da felicidade, onde não há conflitos, para ele, estes não ocorrem porque os pobres trabalhadores são tão explorados e não têm força para lutar.

O período em que Gaskell escreveu *Norte e Sul* foi marcado justamente pela resistência dos operários, que realizaram uma série de greves, algumas delas com resultados positivos para os trabalhadores ingleses, como a de 1847, em que a jornada de trabalho foi reduzida para dez horas para toda a Inglaterra. O fato de Margaret nunca ter ouvido falar em greve quando morava no Sul da Inglaterra não significa que isso não existia em sua região. Devemos lembrar que ela tinha 19 anos quando foi morar em Milton e, sendo uma moça, certamente esses assuntos não pertenciam ao seu universo. No entanto, quando passou a viver no espaço urbano e o acaso a fez conhecer e tornar-se amiga de Bessy, a protagonista se aproximou de uma realidade muito diferente da que havia encontrado na amizade que tinha com sua prima Edith. Nesse sentido, ao entrar em contato com

outras classes sociais, com outros ambientes e dificuldades da vida, Margaret sofreu um processo de metamorfose, de amadurecimento.

Se esse universo a princípio era ignorado por Margaret, por outro lado, era, muito provavelmente, conhecido pela autora do livro, que morava na cidade de Manchester, a capital da indústria têxtil inglesa desde o início da década de 1830 e que, em 1825, assistiu à criação da União dos Fiadores de Algodão. Tradicionalmente se considera que nessa cidade foi constituído o primeiro sindicato estruturado de que se tem notícia (GIANOTTI, 2007, p. 30). Gaskell era casada com um pastor e, como tal, sabia bem das condições precárias de vida dos trabalhadores fabris do século XIX. Como esposa de um religioso, fazia, junto a seu marido, trabalhos de caridade e pôde acompanhar de “perto a vida e rotina da classe proletária, tal experiência proporcionou a autora segurança, autoridade e eficácia para descrever as condições dos trabalhadores nesse período” (SOUZA, 2013, p. 15).

Por meio de seus trabalhos de assistência social, Gaskell certamente visitou bairros operários, conheceu pais com dificuldades em sustentar vários filhos; trabalhadores sindicalizados a verem a greve como única forma para concretizar direitos; moças que, tais como uma de suas personagens, Bessy, sofriam com doenças adquiridas pela falta de condições sanitárias satisfatórias e agravadas por uma alimentação insuficiente. Mas também deve ter frequentado os círculos burgueses, casas bem decoradas, luxuosas, pertencentes a homens de negócios que viam os operários com desdém. Portanto, como Margaret, a autora transitou entre os dois espaços e conheceu as duas realidades: de patrões e empregados.

Por meio do diálogo entre Margaret e a família de Bessy, Gaskell encontra a oportunidade de descrever o que pensa serem os anseios dos operários diante da greve, bem como, na direção oposta, as dificuldades encontradas pelos patrões em manter seus negócios lucrativos. Como bem diz o personagem Nicholas, os patrões “nos dizem para cuidarmos do nosso próprio negócio que eles cuidam dos deles” (GASKELL, 2015, p. 244). O jovem explica: “o nosso negócio é aceitar o salário reduzido que nos pagam e ainda ficarmos gratos, enquanto o negócio deles é nos reduzir quase a ponto de morrer de fome para aumentar os lucros” (GASKELL, 2015, p. 244). Para ele, o verdadeiro negócio dos patrões é enganar seus empregados, portanto, a greve é um movimento de reivindicação legítimo. Nicholas então completa: “por isso eu digo ‘viva a greve’ e que Thornton, Slickson e Hamper e sua turma fiquem atentos” (GASKELL, p. 245).

De acordo com Hobsbawm, para os trabalhadores pobres restavam três opções: “podiam lutar para se tornarem burgueses, poderiam permitir que fossem oprimidos ou então poderiam se rebelar” (HOBSBAWN, 2010, pp. 221-222). No diálogo entre Nicholas e Margaret podemos encontrar duas dessas escolhas: a dos trabalhadores do Sul, que na visão do irmão de Bessy escolhiam ser oprimidos, e a escolhida pelo grupo das cidades industriais, o do inconformismo que levava à revolta que se materializava pela greve.

Outra questão importante que surge nessa conversa é relativa à bebida, um vício que afetava os trabalhadores fabris. Bessy dizia não gostar do cheiro do cigarro do pai e reclamava do problema das bebidas. A situação de miséria a que estavam sujeitos levava muitos a fugir dela por meio do álcool. “O alcoolismo em massa, companheiro quase invariável de uma industrialização e de uma urbanização bruscas e incontroláveis, disseminou ‘uma peste da embriaguez’ em toda a Europa” (*Ibidem*, p. 224), e colaborou para uma construção negativa dos pobres e trabalhadores em geral. No entanto, é bom ressaltar a diferença de juízo de valor da época entre os que não tinham trabalho e os trabalhadores pobres. Estes, se localizavam “dentro dos limites da sociedade, conquanto esteja ainda num nível de moralidade bem abaixo daquele das classes altas” (BRESCIANI, 1994, p. 81). Já os vagabundos estão fora de todas as regras da sociedade e por isso são considerados mais perigosos.

Essa miséria, retratada nos livros de Charles Dickens e tão estudada pelos historiadores, é também mencionada por Gaskell por meio dessa família operária, os Higgins, pois, além das péssimas condições de vida na qual estavam imersos, que levavam à doença e ao vício, eles sofriam de má nutrição. A fome era uma realidade na vida desses trabalhadores e, entre 1837-1842, é o quadro agravado pela Depressão. A situação ficou difícil pois, segundo Bessy, o custo dos alimentos era alto, o que complicava, e muito, para uma família manter seus filhos com salários baixos. Essa situação é elucidada por Hobsbawm ao chamar a atenção sobre o aumento do preço da carne nesse período na Inglaterra, o que levou à queda de seu consumo e influenciou uma dieta mais pobre em nutrientes (HOBSBAWN, 2015, p. 248).

Até aqui nossa análise se debruçou especialmente sobre as condições dos operários e a visão destes em relação a seus patrões. Mas o que pensavam os proprietários das fábricas a respeito da vida, do pensamento e até mesmo das condições morais de seus empregados? Um trecho do romance aqui estudado ilustra esse outro lado da relação. Em uma visita dos Hale, aos Thornton,

chama atenção a forma de morar de uma família rica, que escolheu ter sua casa em meio ao espaço da fábrica:

O portão de entrada era como qualquer portão de jardim. Em um dos lados abria-se em duas partes para a entrada e saída de carroças. O porteiro os recebeu e fez que entrassem em um grande pátio retangular ao lado do qual ficavam vários escritórios para as transições comerciais. Do outro lado, uma imensa fábrica cheia de janelas, de onde provinha o ruído contínuo das máquinas e o longo ronco de uma máquina a vapor, suficiente para ensurdecer aqueles que viviam ali dentro (GASKELL, 2015, p. 205).

A autora descreveu com minúcias essa residência, todo seu luxo e conforto; mesmo em meio ao barulho das máquinas ao seu redor, ela configurava uma mansão. Por ocasião dessa visita, Thornton não estava em casa por estar muito ocupado com as ameaças de greve dos empregados e, por isso, a protagonista foi recebida pela mãe de John. Ao ser questionada por Margaret dos motivos que levariam essas pessoas à greve, a senhora Thornton lhe respondeu: “pelo domínio e posse da propriedade de outras pessoas, [...] é por isso que sempre fazem greves” (GASKELL, p. 212). Ela os considerava mal-agraçados e canalhas e não pareceu estar convencida de suas situações de luta pela sobrevivência digna. Quando o senhor Hale mostra certa condescendência aos grevistas, dizendo que imaginava estarem reivindicando melhores salários, a senhora Thornton responde:

Isso é o disfarce da coisa. Mas a verdade é que querem tornar-se patrões, e fazer que seus patrões se tornem seus escravos nos seus próprios territórios. Estão sempre tentando isso. Têm isso em mente o tempo todo. E a cada cinco ou seis anos surge uma luta entre patrões e empregados. Desta vez, acredito que verão que estão enganados, que foram além dos seus cálculos. Se decidirem pela greve, talvez não seja tão fácil retornarem ao trabalho. Creio que os patrões têm uma ou duas coisas em mente que vão ensinar os operários a não fazer outra greve de modo apressado, caso tentem entrar em greve desta vez (GASKELL, p.212).

Essa é a visão de indignação dos patrões frente aos seus empregados, embaçada ainda por conceitos relacionados à naturalização das condições díspares de trabalho e das desigualdades sociais, que ignora toda a complexidade de uma sociedade de classes. Todo esse descaso se complementa em outra ocasião, quando os Thornton recebem convidados para um jantar e o tema da legitimidade da greve retorna às conversas. Mais uma vez, os operários são descritos como ingratos, e os empresários concordam que eles deveriam aprender uma lição: perderem o emprego e serem substituídos por operários irlandeses. Gaskell traz assim mais fatos históricos para seu romance.

O período entre 1845-1852 foi marcado pela Grande Fome na Irlanda⁷, que deixou centenas de trabalhadores em estado de penúria. Acredita-se que nesse período morreram mais de um milhão de irlandeses em consequência da fome e da má nutrição, o que provocou uma emigração em massa. Na verdade, o processo emigratório já havia começado no final do século XVIII, especialmente em direção à América do Norte. No período da Grande Fome, muitos irlandeses desejavam fugir para a Inglaterra, o que levou os donos de fábricas ingleses pensarem nos imigrantes como uma mão de obra mais barata, ameaçando assim os trabalhadores ingleses rebelados.

Em uma das ocasiões nas quais Margaret visita a senhora Thornton em busca de ajuda para sua mãe, que se encontrava em estágio adiantado de uma doença debilitante, os grevistas invadem a fábrica e buscam explicações sobre a chegada de operários irlandeses. Neste momento surge o lado conciliador da protagonista. Munida da docilidade e da força feminina, características esperadas de uma mulher daquele período e condição, procurando entender o que se passava no coração dos seres humanos, ela age impulsionada pela emoção, coloca-se à frente de John e leva uma pedrada de um operário amotinado. É bom ressaltar que John havia sido aconselhado por Margaret a tentar dialogar com os grevistas. Essa agressão se volta contra os trabalhadores, cujas reivindicações passam a ser consideradas ilegítimas a partir de então.

Margaret é uma personagem que, ao conhecer e transitar pelos dois mundos, acaba por conhecer a legitimidade de cada um deles. Os patrões, pelo menos os íntegros como John, realmente se preocupavam com a manutenção dos empregos, o que só poderia acontecer por meio da preservação da fábrica. Ao mesmo tempo, a protagonista reconhecia as mazelas dos operários, que, em sua maioria, desejam apenas ter uma vida mais digna e não usurpar os bens de seus patrões (como em outro ponto do romance foi dito pela senhora Thornton). Em meio a todos esses conflitos ocorre a passagem de um capitalismo industrial para o financeiro, no qual a especulação possui maior valor que produção dos bens e a manutenção do trabalho. John é vítima dos empréstimos os quais não consegue honrar e, mesmo assim, não considera honesto o mundo das especulações, o que acaba por levá-lo à ruína.

⁷ Ao longo de sua obra, “A formação da classe operária inglesa”, v.2, Thompson nos traz algumas informações sobre as péssimas condições sobre as péssimas condições de vida dos trabalhadores imigrantes irlandeses na Inglaterra nessa primeira metade do século XIX. Eram em geral os que recebiam a menor remuneração. Tinham saído da Irlanda não somente por causa das pragas nas plantações de batata, mas também por conta de conflitos políticos, econômicos e sociais (THOMPSON, 2012).

Considerações Finais

Sandra Jatahy Pesavento considera ter sido a História Cultural responsável por possibilitar, dentre as novas perspectivas do fazer histórico, a literatura como fonte. A autora entende que essa nova forma de tratar a História relacionada à cultura permite pensá-la “como um conjunto de significados partilhados e construídos pelos homens para explicar o mundo” (PESAVENTO, 2007). Segundo a historiadora, é por meio da História Cultural, é possível resgatar sentidos que, “se manifestam em palavras, discursos, imagens, coisas, práticas” (*Ibidem*). É através da História Cultural que podemos tomar a literatura como uma fonte tão nobre quanto qualquer outra. O historiador estuda períodos de tempo que não são vividos por ele, mas que chegam a ele por meio dos questionamentos feitos às fontes, aos inventários, aos objetos e aos documentos oficiais. Diante desse leque de opções, ele então elege as que melhor poderão elucidar a problemática de suas pesquisas, entendidas estas como representações de um passado, aqui escolhemos uma obra de literatura.

No caso do presente estudo, o objetivo foi tentar desvendar meandros das relações entre operários e patrões na Inglaterra de meados do século XIX. Tomando o livro *Norte e Sul*, escrito por uma mulher inglesa, desejamos com este artigo compreender as representações de um passado que foi construído nesse mesmo tempo histórico e que assim chegaram a nós no presente. Como nos alerta Pesavento, ao historiador chegam as representações do que já passou e isso propicia escrever sobre experiências vividas. “A História Cultural se torna, assim, uma representação que resgata representações, que se incumbe de construir uma representação sobre o já representado” (*Ibidem*).

Diante dessa premissa, é possível tomar a literatura, no caso a obra *Norte e Sul*, com toda a sua riqueza de romance social, como meio legítimo para conhecer, não livre de críticas, elementos das relações de gênero, dos conflitos entre classes sociais, da cultura e da economia inglesa de meados do século XIX. Além disso, a obra nos oferece a oportunidade de problematizar essa construção, considerando uma visão feminina dos fatos. Cabe também advertir que a narrativa está imersa no contexto de sua escrita, bem como no tempo no qual viveu sua autora.

Gaskell aproveitou a oportunidade para descrever em *Norte e Sul* as péssimas condições de vida dos operários ingleses⁸. Conseguiu fazê-lo, talvez de forma menos explícita, graças à habilidade que tinha para a escrita. Para tanto, usou pelo menos dois subterfúgios: a) criou uma cidade fictícia, Milton do Norte, e, b) entremeou todas as mazelas de uma sociedade em conflito com o romance entre a heroína Margaret e o *gentleman* John Thornton, compondo uma obra de cerca de 700 páginas. Esses dois personagens crescem ao longo das páginas do livro, amadurecem, passam a se respeitar e com isso deixam falar o “outro”, especialmente, representado pelo operário militante Higgins.

Em grande medida, todas as reviravoltas da obra são mediadas pelas ações de Margaret, que transborda as qualidades “naturais” esperadas da mulher vitoriana conciliadora em busca de harmonia em todas as relações humanas. Não obstante, ela também transgride regras e posições que se esperavam de uma mulher de sua época. Dessa forma, o livro de Gaskell nos permite entrever as representações do feminino reforçado pela própria protagonista, como virtudes capazes de resgatar e deixar aflorar o que o mundo masculino, sozinho, muitas vezes não era e não é capaz de revelar.

Referências bibliográficas:

ALGOTSSON, Anna. *Transgression and Tradition: Redefining Gender Roles in Elizabeth Gaskell's North and South*. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Faculdade de Artes e Ciências. Linköping University (LiU). Linköping, Suécia. 2015. 29p.

BRESCIANI, Maria Stela M. **Londres e Paris no século XIX: o espetáculo da pobreza**. São Paulo, Brasiliense, 1994.

BURNS, Edward. **História da civilização ocidental: do homem das cavernas até a bomba atômica**. Porto Alegre, Globo, 1964.

CEVASCO, Maria Elisa e Valter Lellis Siqueira. **Rumos da Literatura Inglesa**. São Paulo: Ática, 1985.

COGGIOLA, Osvaldo Coggiola. **Da revolução industrial ao movimento operário: as origens do mundo contemporâneo**. Porto Alegre: Pradense, 2015.

⁸ Em outro romance seu, *Mary Barton*, Gaskell já havia abordado o tema e foi muito criticada pela burguesia daquele tempo.

- ENGELS, Friedrich. **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra**. São Paulo: Boitempo, 2010.
- FREITAS, Dayane Cristina e SILVA, Thiago Lemos da. **A literatura como narrativa do passado: Jane Austen e a mulher inglesa do século XVIII**. Revista Perquirere, Patos de Minas, vol.14, n.3, pp.61-78. Set/Dez 2017.
- GASKELL, Elizabeth. **Norte e Sul**. São Paulo: Martin Claret, 2015.
- GIANOTTI, Vito. **História das lutas dos trabalhadores no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.
- GUSMÃO, Emery Marques. **Debate sobre educação feminina no século XIX: Nísia Floresta e Maria Amália Vaz de Carvalho**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.25, n.50, pp.269-289. Jul/Dez, 2012.
- HOBSBAWN, Eric J. **A era das revoluções: 1789-1848**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010.
- _____. **Os trabalhadores: estudos sobre a história do operariado**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. São Paulo: Autêntica, 2007. E-book.
- ROSEMBERG, José. **Tuberculose: aspectos históricos, realidades, seu romantismo e transculturação**. Boletim de Pneumonia Sanitária. Volume 2, 1999.
- SCOTTI, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Educação & Realidade, Porto Alegre, vol.20, n.2, pp.71-99. Jul/Dez 1995.
- SONNET, Martine. **Uma filha para educar**. In DUBY, Georges e PERROT, Michelle (Orgs.). **História das Mulheres no Ocidente**. Porto: Afrontamento, Volume 3, 1994.
- SILVA, Julianna Santos de. **Industrialização e choque cultural em *North and South* de Elizabeth Gaskell**. In SILVA, Lajosy e COSTA, Leonardo Christy Souza (Orgs.). **Revista Folhas**. São Paulo: Livrus Negócios Editoriais, 2013.
- THOMPSON, Edward P. **A formação da classe operária inglesa: a maldição de Adão**. São Paulo: Paz e Terra, 2012.